

# Questões de transparência e opacidade na realização do sujeito pronominal no Português Brasileiro e no Inglês Britânico: uma abordagem Discursivo-Funcional

(Transparency and opacity matters on the pronominal materialization of the subject in Brazilian Portuguese and in British English: a Functional-Discourse approach)

Andréia Dias de Souza<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)  
andreia-dias-souza@hotmail.com

**Abstract:** This work aims at comparing Brazilian Portuguese in its spoken variety and British English on the materialization of the pronominal subject. This analysis is based on the Functional Discourse Grammar approach, FDG (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), and aims at observing the subject materialization in both languages concerning their transparency and opacity aspects.

**Keywords:** transparency; opacity; pronouns; subject.

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é realizar uma análise comparativa entre o Português Brasileiro, em sua variedade vernácula, e o Inglês Britânico, no que se refere à realização do sujeito na forma pronominal. Essa análise insere-se no âmbito da Gramática Discursivo-Funcional, doravante GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), e busca observar a realização do sujeito nos dois idiomas em questão no que tange aos aspectos de transparência e opacidade.

**Palavras-chave:** transparência; opacidade; pronomes; sujeito.

## Considerações iniciais

Durante o processo de aquisição de uma segunda língua pode surgir uma série de dificuldades decorrentes da interferência da língua materna. No caso do processo de aprendizagem do Inglês como segunda língua por falantes de Português Brasileiro, duas situações nos chamam a atenção: a realização ou não do sujeito pronominal e a afixação verbal que marca a terceira pessoa do singular. Acreditamos que a dificuldade apresentada pelos aprendizes nessas duas situações não é decorrente apenas da interferência da língua materna, mas se dá, também, como consequência de aspectos não transparentes, ou opacos, na L2.

Por esse motivo, o presente trabalho terá como objetivo realizar um estudo comparativo entre o Português Brasileiro (doravante PB) e o Inglês Britânico (doravante IB) no que se refere à realização do sujeito pronominal quanto aos aspectos de transparência e opacidade. Este trabalho justifica-se pela contribuição que buscará dar aos estudos de aquisição do Inglês como segunda língua por falantes do PB.

Com base nos pressupostos teóricos da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), o objetivo geral da pesquisa é elaborar uma análise da realização do sujeito pronominal em PB e Inglês, descrevendo de que forma ocorre, ou não, tal realização e implementar esses dados no modelo de Hengeveld e Mackenzie (2008), a fim de atestar o grau de transparência e opacidade em cada situação. Em seguida, propõe-se comparar os resultados baseando-nos nas noções de transparência

e opacidade, a fim de verificar o grau de transparência em cada uma das línguas em questão e comprovar se formas mais opacas são de mais complexa aquisição.

A amostragem que compõe o *corpus* desta pesquisa, no que se refere ao PB, será coletada no banco de dados do Iboruna que faz parte do projeto Alip. No que se refere ao IB, selecionaremos ocorrências encontradas no British National Corpus (BNC), que contém mais de um milhão de ocorrências no Inglês falado.

Este trabalho organiza-se da seguinte maneira: explicita algumas considerações a respeito do tema transparência; aponta breves considerações a respeito do modelo teórico da GDF; expõe os aspectos da realização do sujeito nas duas línguas por nós consideradas relevantes a este trabalho; evidencia as análises e o mapeamento das unidades no modelo teórico da GDF; e, por fim, apresenta as considerações finais.

## **Transparência**

O termo transparência tem sido bastante estudado na linguística em seus mais diversos ramos, e como tal tem apresentado muitas definições. Apontaremos, nesta seção, breves considerações a respeito do tema e de que forma ele será abordado em nossas análises.

Ao trabalhar com aquisição da linguagem, Slobin (1977) afirma que o falante de qualquer língua busca clareza, eficiência, efetividade e uma razoável rapidez ao se expressar, ao passo que o ouvinte deseja captar uma mensagem clara e informativa e deseja fazê-lo rápida e eficientemente. Para que essa troca ocorra, o autor acredita que há quatro princípios, ou exigências, que tornem um sistema comunicativo capaz de atender aos objetivos do falante e do ouvinte, acima detalhados: ser claro; ser humanamente processável ao longo do tempo; ser rápido e fácil; ser expressivo. A primeira exigência diz que as estruturas superficiais da língua não devem diferir excessivamente da estrutura semântica que as permeia, que a língua tem a tendência de manter um mapeamento de um-para-um entre a estrutura semântica interna e a forma na superfície, com o intuito de torná-las facilmente captáveis pelo ouvinte. Para o autor, ao apresentar essa característica de “ser clara”, a língua busca a transparência semântica.

A relação de transparência se estabelece à medida que uma noção semântica se manifeste em uma forma apenas, que pode ser um morfema, uma palavra ou uma unidade linguística (LEUFKENS, 2013), ou seja, a relação de um-para-um (um significado para uma forma) é uma relação transparente (HENGEVELD, 2011a) ao passo que qualquer relação que não estabeleça tal equivalência (a relação de uma unidade semântica para duas formas, relação de um-para-dois, ou de nenhuma unidade semântica para uma forma, relação de zero-para-um) será considerada não-transparente ou opaca.

A noção de transparência refere-se à relação entre o significado e a palavra, baseia-se na relação de referência entre palavra e coisa, “vai na direção da concepção de que língua existe para falarmos do mundo, de que ela é como os membros da comunidade comunicam entre si, verbal ou gestualmente” (COUTO; MELLO, 2009, p. 72).

Na esfera funcionalista, entende-se que a língua é primordialmente um instrumento de interação social entre os seres humanos, ao pensar de um modo exato, poderíamos supor que, para atender a tal propósito de maneira ideal, ela deveria apresentar uma re-

lação perfeita, de um-para-um entre o significado e a forma, ou seja, ser um instrumento transparente. No entanto, sabemos que a língua não é uma ciência exata que se condicione ao logicamente ideal e, por essa razão, encontramos várias estruturas nas línguas do mundo que violam tal princípio: então chamadas não transparentes ou opacas. Uma língua é totalmente transparente à medida que tal violação não ocorra. Tal língua provavelmente não existe – toda língua viola a transparência de alguma forma em sua gramática. Contudo, as línguas podem exibir diferentes graus de (não) transparência (LEUFKENS, 2013). A maioria das línguas encontra-se abaixo do que seria considerado um grau de transparência total e muitas exibem um alto grau de opacidade (HENGEVELD, 2011a).

Após as considerações apresentadas, a fim de atender aos propósitos do presente trabalho, definiremos transparência como a equivalência ideal entre o significado e a forma, uma relação igualitária entre a noção semântica e a forma pela qual ela se manifesta. Hengeveld (2011a) considera que transparência é a relação de um-para-um entre significado e forma. Na opinião do autor, a definição desse termo está diretamente ligada à implementação dos dados analisados em um modelo teórico que permita que a visualização de tal relação se faça possível e considera que a Gramática Discursivo-Funcional é um modelo que cumpre esse papel. A fim de demonstrar as relações entre forma e função, o autor exibe as relações estabelecidas entre os quatro Níveis da GDF, Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico, a respeito dos quais explanaremos na próxima seção.

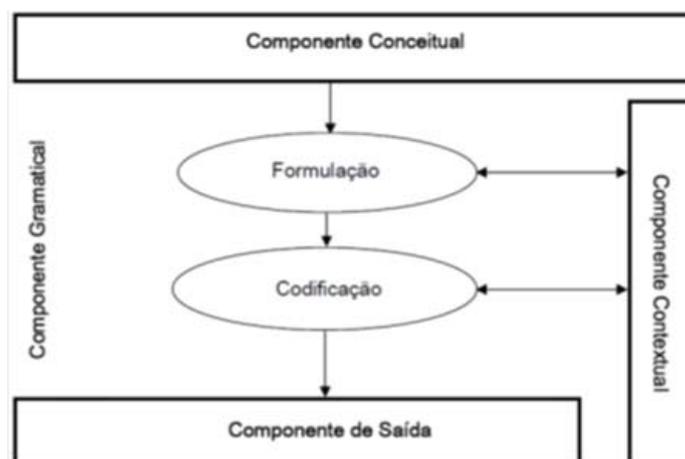
Pelos motivos acima apresentados, a fim de demonstrarmos claramente as relações de transparência e opacidade, implementaremos os dados analisados no modelo da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), assunto que abordaremos na próxima seção.

## **A Gramática Discursivo-Funcional**

Acreditamos que o aparato teórico fornecido pelo modelo acima mencionado nos permite uma clara representação da relação entre a forma e o significado das unidades em análise, propiciando, portanto, a atestação de realizações de transparência, ou não, nos fenômenos analisados.

Esse modelo toma como objeto de análise o ato discursivo e sua codificação morfossintática e fonológica, focando em fenômenos gramaticais explícitos que são afetados pelo impacto do discurso.

Trata-se, portanto, de um modelo gramatical. O que o distingue de outros modelos é que se refere a um componente inserido em uma teoria geral de interação verbal e foi idealizado com o objetivo de ser igualmente válido para análise de qualquer língua (HENGEVELD; MACKENZIE 2008). Os autores responsáveis pelo referido modelo estabelecem a existência de quatro componentes que interagem entre si: o Componente Conceitual, o Componente Contextual, o Componente Gramatical e o Componente de Saída.



**Figura 1.** Modelo da GDF como parte de um modelo maior de interação verbal. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 6)

O Componente Gramatical é a própria GDF, é a parte central da teoria, que se encontra intimamente ligada aos demais componentes. Pode-se dizer que ela é vista como um Componente Gramatical que se opera junto a um componente conceitual em um modelo tripartite de geração linguística, o Componente Conceitual serve como gatilho para o gramatical operar.

Hengeveld e Mackenzie (2008) acreditam que a efetividade do Componente Gramatical está ligada à semelhança entre sua organização e ao modo como se dá a produção linguística do indivíduo, o que Dik (1997) chama de adequação psicológica. Sabemos que essa produção inicia-se com a intenção comunicativa e segue em direção descendente até a articulação. Tomando por base essa diretriz, uma implementação dinâmica da gramática é proposta e se inicia com a informação que provém do Componente Conceitual e se encerra com uma representação fonológica a ser transmitida ao Componente de Saída.

O Componente Gramatical iniciará o processo específico de formulação, no qual o material fornecido pelo componente conceitual será convertido primeiramente em uma representação pragmática de Movimentos, Atos e Subatos no Nível Interpessoal; em seguida, se converterá em uma representação semântica de Conteúdos Proposicionais, Episódios, Estado-de-coisas, Propriedades e Indivíduos no Nível Representacional. A partir daí, dá-se a fase de codificação morfossintática, na qual o material dos dois primeiros níveis será convertido em uma representação morfossintática, a qual, por sua vez, fornecerá recursos para o processo de codificação fonológica que produzirá representações fonológicas do enunciado (BUTLER, 2003).

Na arquitetura da GDF, observa-se a existência de quatro níveis hierarquicamente organizados: o Nível Interpessoal, o Nível Representacional, o Nível Morfossintático e o Nível Fonológico. Esses níveis referem-se, respectivamente, aos níveis pragmático, semântico, morfossintático e fonológico da produção linguística. A interação entre as dimensões sintática, semântica, pragmática e fonológica é o que define o arcabouço teórico da GDF.

Com o objetivo de evidenciar as relações de transparência e opacidade, implementaremos os dados da presente pesquisa no referido modelo, com o intuito de mapear

as unidades analisadas em cada nível anteriormente mencionado. O termo ‘mapeamento’, portanto, refere-se ao processo de codificação de unidades pragmáticas e semânticas ao convertê-las em unidades morfossintáticas e fonológicas. Ao observarmos, portanto, a organização morfossintática de determinada expressão, fica claro que ela pode refletir características de um ou dos dois níveis anteriores, evidenciando, assim, que o mapeamento de algumas unidades ocorre com base em informações fornecidas apenas pelo Nível Interpessoal ou apenas pelo Representacional, e em outros casos requer informações fornecidas pelos dois níveis. As relações de transparência serão constatadas entre os níveis quando identificarmos um mapeamento de um-para-um de determinada unidade entre cada nível.

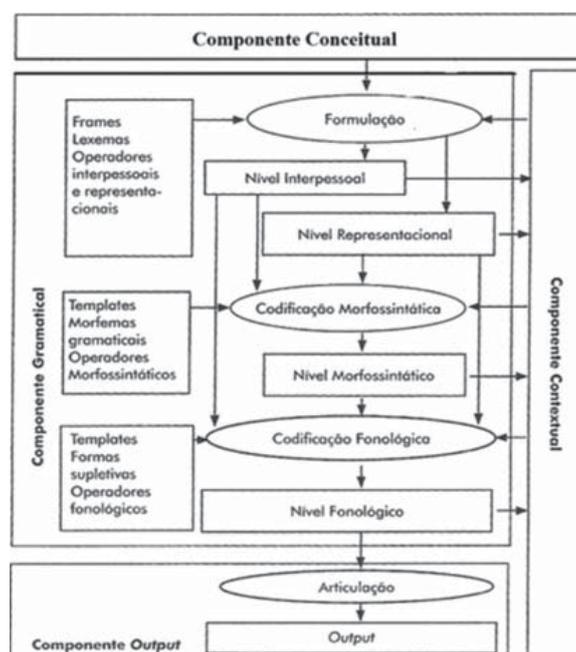


Figura 2. Arquitetura geral da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 13)

Conforme pudemos observar no modelo acima esquematizado, há dentro do componente gramatical quatro níveis de representação: o Nível Interpessoal, no qual a mensagem recebe a informação pragmática; o Nível Representacional, que por sua vez é responsável pelo aspecto semântico da mensagem; o Nível Morfossintático, que é o responsável pelo caráter estrutural da mensagem; e o Nível Fonológico, sendo o responsável por converter as informações recebidas em representações fonológicas.

As análises a respeito da realização/não realização do sujeito pronominal serão realizadas com base no mapeamento dos três primeiros níveis da GDF: o Interpessoal, o Representacional e o Morfossintático. A realização desse fenômeno no Nível Fonológico estará condicionada à sua realização ou não no Nível Morfossintático, não apresentando, portanto, considerações relevantes ao presente trabalho. Não haverá, assim, descrição desse nível nesta seção.

No Nível Interpessoal encontramos a seguinte estrutura:

$$(M_1 : [(A_1 : [(F_1)(P_1)_S(P_2)_A (C_1 : [(T_1)_{[\Phi]} \dots (T_{1+N})_{[\Phi]} (R_1)_{[\Phi]} \dots (R_{1+N})_{[\Phi]}](C_1)_{[\Phi]}])](A_1) \dots (A_{1+N})_{[\Phi]}] (M_1))$$

$(\pi M_1: [$	Movimento <sup>2</sup>
$(\pi A_1: [$	Ato discursivo
$(\pi F_1: ILL (F_1): \Sigma (F_1))$	Ilocução
$(\pi P_1: \dots (P_1): \Sigma (P_1))_S$	Falante
$(\pi P_2: \dots (P_2): \Sigma (P_2))_A$	Ouvinte
$(\pi C_1: [$	Conteúdo comunicado
$(\pi T_1: [\dots] (T_1): \Sigma (T_1))_\Phi$	Subato de atribuição
$(\pi R_1: [\dots] (R_1): \Sigma (R_1))_\Phi$	Subato de referência
$] (C_1): \Sigma (C_1))_\Phi$	Conteúdo comunicado
$] (A_1): \Sigma (A_1))_\Phi$	Ato discursivo
$] (M_1): \Sigma (M_1))$	Movimento

**Figura 3.** Relações hierárquicas do Nível Interpessoal (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 49)

Nesse primeiro Nível, os pronomes pessoais se realizam como subatos de referência [R] e podem ser classificados de duas formas: aqueles que se referem aos participantes do ato discursivo (primeira e segunda pessoa) ou aqueles que se referem anaforicamente, cataforicamente, logoforicamente ou deiticamente a não participantes do ato discursivo (terceira pessoa e logofórico) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 118).

O sistema pronominal das línguas, em geral, permite uma série de combinações com relação ao falante e ao ouvinte. As combinações envolvem a inclusão ou não desses indivíduos e podem ser representadas como: [+S] quando envolver o falante e [-S] quando não o envolver; [+A] quando envolver o ouvinte e [-A] quando não o envolver. Encontramos na GDF, portanto, as seguintes combinações no Nível Interpessoal:

Primeira pessoa do singular (+id R1: [+S, -A] (R1))

Primeira pessoa do plural exclusiva (+id R1: [+S, -A] (R1))

Primeira pessoa do plural inclusiva (+id R1: [+S, +A] (R1))

Segunda pessoa do singular (+id R1: [-S, +A] (R1))

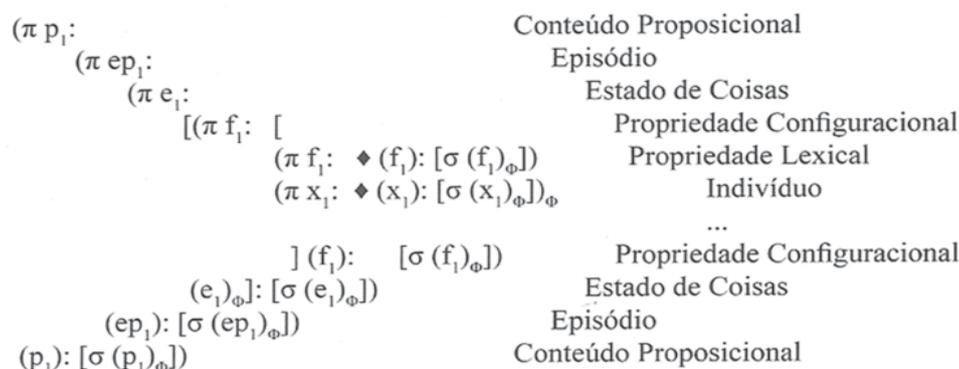
Segunda pessoa do plural (+id R1: [-S, +A] (R1))

O Nível Representacional tratará dos aspectos semânticos da produção linguística. O Nível Interpessoal é o responsável pela evocação, enquanto o Representacional cuida da designação. O termo *semântica* está, nessa abordagem, restrito “aos meios pelos quais uma língua se relaciona com os mundos possíveis que ela descreve” (FONTES, 2012, p. 43-44).

No Nível Representacional, encontra-se a seguinte estrutura hierárquica:

$$(p_1: [(ep_1: [(e_1: [f_1: [(f_2)^n (x_1)_\Phi \dots (x_{1+n})_\Phi] (f_1)) \dots (f_{1+n}) (e_i)_\Phi] \dots (e_{1+n})_{(\Phi)}] (ep_1)) \dots (ep_{1+n})_{(\Phi)}] (p_1))$$

Tal estrutura apresenta a representação abaixo:



**Figura 4.** Relações hierárquicas do Nível Representacional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 140)

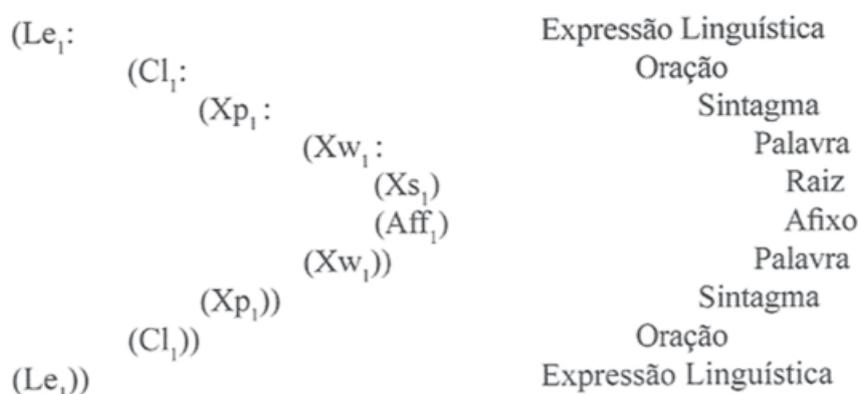
É nesse nível que ocorrerá a marcação de número, conforme o esquema abaixo, adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 118):

- Primeira pessoa do singular (1x1)
- Primeira pessoa do plural exclusiva (mx1)
- Primeira pessoa do plural inclusiva (mx1)
- Segunda pessoa do singular (1x1)
- Segunda pessoa do plural (mx1)

O Nível Morfossintático e Fonológico é responsável pelas unidades formais. As camadas contidas no Nível Morfossintático são assim representadas:

$$(Le_1: [(Xw_1) (Xp_1) (Cl_1: [(Xw_2) (Xp_2: [(Xw_3) (Xp_3) (Cl_3)] (Xp_2))_\phi (Cl_2)_{(\phi)}] (Cl_1)]) (Le_1))$$

Encontramos a seguinte representação para o Nível Morfossintático:



**Figura 5.** Relações hierárquicas do Nível Morfossintático (adaptado de HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 420)

Acreditamos que o modelo descendente e organizado em níveis nos permitirá demonstrar as representações do sujeito pronominal em cada um dos respectivos níveis, evidenciando as representações deste em cada nível, ou seja, de que forma se realiza, ou

não, na esfera pragmática, semântica e morfossintática. Por meio dessa implementação, poderemos estabelecer claramente as relações de um-para-um, um-para-dois ou um-para-zero, atestando ou não as relações transparentes a que este trabalho se dedica.

## Sujeito

Quanto aos objetivos deste trabalho, nos interessa analisar as situações em que o sujeito é expresso pronominalmente e as situações em que é omitido. Partilhamos das concepções de Neves (2007) de que a realização ou não de um sujeito expresso está diretamente ligada a questões discursivo-textuais, ou seja, mesmo se tratando de um fenômeno de aspecto sintático, é na esfera pragmática que a necessidade da realização do sujeito vai se delinear, bem como de que forma ele será realizado, ou se será omitido.

Para atender aos objetivos deste trabalho, consideraremos que seja relevante mencionar a respeito do PB que:

- a. O sistema pronominal (DUARTE, 1993; SILVA 2003) apresenta uma alteração significativa no que se refere à segunda pessoa do singular e do plural: a utilização da forma *vocês* para a segunda pessoa do plural em lugar da forma *vós* e a substituição quase total da forma *tu* pelo pronome *você*, com exceção de algumas regiões do país, como o Sul por exemplo, nas quais o *tu* continua a ser utilizado.
- b. Com a substituição apresentada em “a” houve uma redução das desinências verbais marcando pessoa, uma vez que a forma *você* e *vocês* apresentam a mesma forma verbal da terceira pessoa do singular e do plural respectivamente.
- c. O sujeito pronominal tem apresentado duas situações bastante recorrentes: se realiza no pronome e no afixo verbal – “Nós assistimos” – e apenas no pronome – “nós assiste”.

Quanto ao IB, se faz necessário destacar que:

- a. Normalmente, considera-se que no Inglês exista o preenchimento da lacuna do sujeito por um SN ou por um pronome.
- b. Tal necessidade parece ser justificada em razão da ausência de desinências verbais que identifiquem a pessoa, com exceção da desinência –s utilizada nas variedades do tempo presente (simplex, perfeito, perfeito progressivo/contínuo) para designar terceira pessoa, trata-se de uma língua que não apresenta marcação verbal que diferencie a primeira da segunda pessoa. Sem a realização do sujeito expresso, haveria, portanto, maiores possibilidades de ocorrerem ambigüidades.
- c. Apresenta elementos expletivos que frequentemente se realizam como sujeito.

Em trabalhos que abordam a questão da aquisição do sujeito pronominal por falantes de PB (GONÇALVES, 1977; DURÃO; CANATO, 2005), a influência da Língua Materna foi apontada como fator determinante na produção de enunciados com a ausência do elemento expletivo “it” e com a não realização de sujeitos pronominais na Língua Alvo, no caso o Inglês. No entanto, Gonçalves (1977) reconhece que nem todos os erros são fruto dessa influência. Acreditamos que, fenômenos opacos na Língua Alvo são igualmente determinantes nas produções acima mencionadas.

## Análise

Observemos a seguinte realização:

(01) Ela mandô(u) (Projeto Alip – Banco de dados Iboruna)

IL: (A<sub>I</sub>: [F<sub>I</sub>: DECL (F<sub>I</sub>)] (P<sub>I</sub>)<sub>S</sub> (PJ)<sub>A</sub> (C<sub>I</sub>: [(T<sub>I</sub>) (+id R<sub>I</sub>: [-S, -A] (R<sub>I</sub>))<sub>Top</sub>] (C<sub>I</sub>))] (A<sub>I</sub>))

Os pronomes são introduzidos no Nível Interpessoal como subatos de Referência, correspondendo às escolhas realizadas pelo Falante para evocar as figuras do mundo externo às quais deseja se referir (SEARLE, 1969<sup>1</sup> apud HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 87); no nível Representacional, analisa-se o que o Falante quis dizer ao evocar tais entidades. Os pronomes “ela” e “ele” utilizados no trecho em análise são pronomes anafóricos que retomam entidades mencionadas anteriormente.

No Nível Representacional, portanto, o pronome anafórico “ela” apresentará a mesma representação que seu referente: x<sub>2</sub> que exercerá a função semântica de Ator. Para a ocorrência 1, teríamos: (R<sub>2</sub>, x<sub>2</sub>). A ocorrência em análise seria assim representada:

RL: (past ep<sub>i</sub> (sim e<sub>i</sub>: [(pf f<sub>i</sub>: [(f<sub>j</sub>:mand<sub>v</sub> - (f<sub>j</sub>)) (1x<sub>2</sub>)<sub>A</sub>] (f<sub>i</sub>)) (e<sub>i</sub>)<sub>U</sub>]) (ep<sub>i</sub>))

Chegamos ao Nível Morfossintático, no qual os subatos referenciais acima analisados se realizam com a função sintática de sujeito, sendo representados pela variável Nw, que se refere à palavra dentro da frase nominal, Np, que por sua vez se insere na camada da oração Cl. Teríamos na ocorrência 1 a seguinte estrutura morfossintática no que diz respeito ao pronome:

ML: (Le<sub>i</sub>: (Cl<sub>i</sub>: [Np<sub>i</sub>: (Nw<sub>i</sub>: **ela** (Nw<sub>i</sub>)) (Np<sub>i</sub>))<sub>Subj</sub> (Vp<sub>i</sub>: (Vw<sub>i</sub>: [(Vs<sub>i</sub>: mand (Vs<sub>i</sub>)) (Aff<sub>i</sub>: **ind-pastpf3sg (Aff<sub>i</sub>))**] (Vw<sub>i</sub>)) (Vp<sub>i</sub>)) (Cl<sub>i</sub>)) (Le<sub>i</sub>))

Podemos observar que há uma unidade no que se refere ao sujeito no Nível Interpessoal, o Subato de Referência, que equivale a um indivíduo no Nível Representacional e que é codificado em duas unidades no Nível Morfossintático: na Palavra Nominal e no Afixo Verbal, atestando uma relação não transparente nessa realização.

Observemos mais um exemplo:

(02) Nós assiste (Projeto Alip – Banco de dados Iboruna)

Encontramos uma sentença na qual o afixo verbal não se realiza. Nesse caso, a realização do sujeito se dá apenas pela presença pronominal, uma vez que a forma verbal não traz a marca de pessoa ou de número, apresentando a mesma forma para segunda e primeira pessoa do plural, respectivamente. Notemos suas respectivas representações nos dois primeiros níveis da GDF:

IL: (A<sub>I</sub>: [F<sub>I</sub>: DECL (F<sub>I</sub>)] (P<sub>I</sub>)<sub>S</sub> (PJ)<sub>A</sub> (C<sub>I</sub>: [(T<sub>I</sub>) (+id R<sub>I</sub>: [+S, -A] (R<sub>I</sub>))<sub>Top</sub>] (C<sub>I</sub>))] (A<sub>I</sub>))

RL: (past ep<sub>i</sub> (sim e<sub>i</sub>: [(pf f<sub>i</sub>: [(f<sub>j</sub>:assist<sub>v</sub> - (f<sub>j</sub>)) (mx<sub>1</sub>)<sub>A</sub>] (f<sub>i</sub>)) (e<sub>i</sub>)<sub>U</sub>]) (ep<sub>i</sub>))

<sup>1</sup> SEARLE, John. *Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

O equivalente a esta sentença com a afixação verbal “nós assistimos” apresentaria nos dois primeiros níveis a mesma representação na GDF. A diferença marcante ocorre na representação dessas sentenças no Nível Morfossintático logo abaixo apontadas:

ML: (Le<sub>i</sub>: (Cl<sub>i</sub>: [Np<sub>i</sub>: (**Nw<sub>i</sub>: nós (Nw<sub>i</sub>)) (Np<sub>i</sub>)]<sub>Subj</sub> (Vp<sub>i</sub>: (Vw<sub>i</sub>: [(Vs<sub>i</sub>: assist (Vs<sub>i</sub>)) (Aff<sub>i</sub>: indprespf3sg (Aff<sub>i</sub>))] (Vw<sub>i</sub>)) (Vp<sub>i</sub>)) (Cl<sub>i</sub>)) (Le<sub>i</sub>))**

ML: (Le<sub>i</sub>: (Cl<sub>i</sub>: [Np<sub>i</sub>: (**Nw<sub>i</sub>: nós (Nw<sub>i</sub>)) (Np<sub>i</sub>)]<sub>Subj</sub> (Vp<sub>i</sub>: (Vw<sub>i</sub>: [(Vs<sub>i</sub>: **assist** (Vs<sub>i</sub>)) (Aff<sub>i</sub>: **indprespf1pl** (Aff<sub>i</sub>))] (Vw<sub>i</sub>)) (Vp<sub>i</sub>)) (Cl<sub>i</sub>)) (Le<sub>i</sub>))**

A primeira representação se refere à ocorrência sem afixação, a segunda se refere àquela na qual o sujeito também se realiza no sufixo verbal. Nos casos em que existe a afixação, as marcas de pessoa e de número apresentadas na esfera pragmática e semântica serão codificadas tanto na realização do pronome como sujeito da oração como na afixação verbal, a qual trará a marca de pessoa, determinada no Nível Interacional, e a marca de número que, por sua vez, foi determinada no Nível Representacional. Existirá, portanto, uma relação não bijetiva entre o Nível Morfossintático e os dois primeiros níveis, uma vez que há uma unidade no Nível Interpessoal, o Subato de Referência, que se refere a um indivíduo, Ator ou Paciente, no nível Representacional, mas o mesmo subato é marcado em duas unidades no Nível Morfossintático: no sujeito e no afixo verbal; o mesmo ocorre com a marcação de número no Nível Representacional, ela é igualmente marcada nas mesmas unidades que a pessoa, logo há uma relação de um-para-dois.

Quanto aos casos em que o sujeito se realiza pronominalmente sem a afixação verbal, as unidades apresentadas nos primeiros níveis são marcadas apenas no sujeito, uma vez que no Nível Morfossintático o verbo não tem em sua representação a afixação para a segunda e terceira pessoa do plural e em alguns casos também para a primeira pessoa do plural, dessa forma, as unidades existentes nos dois primeiros níveis acabam por se codificar em uma unidade apenas no Nível Morfossintático, no sujeito, existindo, portanto, uma relação de um-para-um entre os dois primeiros níveis e o terceiro, ou seja, uma relação bijetiva. A realização do sujeito sem a afixação verbal é uma realização mais transparente que a realização com marcação de pessoa e número no pronome e no afixo verbal.

No que tange à ausência do sujeito pronominal, teremos a seguinte representação:

(03) Ø Comi. (Projeto Alip – Banco de dados Iboruna)

IL: (A<sub>i</sub>: [F<sub>i</sub>: DECL (F<sub>i</sub>)] (P<sub>i</sub>)<sub>S</sub> (PJ)<sub>A</sub> (C<sub>i</sub>: [(T<sub>i</sub>) (**+id R<sub>i</sub>: [+S, -A] (R<sub>i</sub>)<sub>Top</sub>] (C<sub>i</sub>))] (A<sub>i</sub>))**

RL: (past ep<sub>i</sub> (sim e<sub>i</sub>: [(pf f<sub>i</sub>: [(f<sub>j</sub>:com<sub>v</sub>- (f<sub>j</sub>)) (**1x<sub>i</sub>**)<sub>A</sub>] (f<sub>i</sub>)) (e<sub>i</sub>)<sub>U</sub>] (ep<sub>i</sub>))

ML: (Le<sub>i</sub>: (Cl<sub>i</sub>: (Vp<sub>i</sub>: (Vw<sub>i</sub>: [(Vs<sub>i</sub>: com (Vs<sub>i</sub>)) (Aff<sub>i</sub>: **indpastpf1sg** (Aff<sub>i</sub>))] (Vw<sub>i</sub>)) (Vp<sub>i</sub>)) (Cl<sub>i</sub>)) (Le<sub>i</sub>))

Essa situação apresenta uma relação bijetiva, ou seja, um elemento no Nível Interpessoal, o Subato de Referência, representa-se em um elemento no Nível Representacional, o indivíduo que, por sua vez, encontra representação em um elemento apenas no Nível Morfossintático: o afixo verbal. Encontramos, portanto, uma relação de um-para-um do Nível Representacional para o Nível Morfossintático, o que demonstra

que a omissão do sujeito pronominal quando existir afixação verbal marcando a pessoa apresenta uma relação transparente.

Na realização do sujeito pronominal em IB, com exceção da terceira pessoa do singular no tempo presente, teremos uma relação bijetiva, conforme podemos visualizar na representação do exemplo abaixo:

(04) I bought (...) (British National Corpus)

IL: (A<sub>i</sub>: [F<sub>i</sub>: DECL (F<sub>i</sub>)] (P<sub>i</sub>)<sub>S</sub> (PJ)<sub>A</sub> (C<sub>i</sub>: [(T<sub>i</sub>) (+id R<sub>i</sub>: [+S, -A] (R<sub>i</sub>))<sub>Top</sub>] (C<sub>i</sub>))] (A<sub>i</sub>))

RL: (past ep<sub>i</sub> (sim e<sub>i</sub>: [(pf f<sub>i</sub>: [(f<sub>j</sub>:buy<sub>v</sub>- (f<sub>j</sub>)) (1x<sub>i</sub>)<sub>A</sub>] (f<sub>i</sub>)) (e<sub>i</sub>)<sub>U</sub>]) (ep<sub>i</sub>))

ML: (Le<sub>i</sub>: (Cl<sub>i</sub>: [Np<sub>i</sub>: (Nw<sub>i</sub>: I (Nw<sub>i</sub>)) (Np<sub>i</sub>)<sub>Subj</sub> (Vp<sub>i</sub>: (Vw<sub>i</sub>: [(Vs<sub>i</sub>: buy (Vs<sub>i</sub>)) (Aff<sub>i</sub>: indpastpf (Aff<sub>i</sub>))] (Vw<sub>i</sub>)) (Vp<sub>i</sub>)) (Cl<sub>i</sub>)) (Le<sub>i</sub>))

Há um Subato Referencial que se realiza como Indivíduo na esfera semântica e que é codificado morfossintaticamente como uma Palavra Nominal *I* que exerce a função sintática de sujeito. A realização do sujeito pronominal expresso nos casos das pessoas acima mencionadas representa realizações transparentes.

No caso da terceira pessoa do singular no tempo presente simples, temos os casos anafóricos e os casos expletivos. Vislumbremos primeiro os casos anafóricos:

(05) He sees another dog (British National Corpus)

Encontraremos nesse caso uma relação diferente no que se refere à transparência. Nos dois primeiros níveis teremos novamente um Subato de Referência correspondendo o sujeito *he* que terá a seguinte representação: (+id R<sub>i</sub>: [-S, -A] (R<sub>i</sub>)) No Nível Representacional também teremos um indivíduo que executa a função semântica de Ator, assim representado: (1x<sub>i</sub>)<sub>A</sub>. Até aqui, portanto, uma relação de um-para-um, logo bijetiva e transparente. No Nível Morfossintático, no entanto, essa unidade se desdobrará em duas se realizando pela palavra *he* e pelo afixo *-s*, ambos marcando a terceira pessoa do singular, conforme a representação abaixo:

ML: (Le<sub>i</sub>: (Cl<sub>i</sub>: [Np<sub>i</sub>: (Nw<sub>i</sub>: he (Nw<sub>i</sub>)) (Np<sub>i</sub>)<sub>Subj</sub> (Vp<sub>i</sub>: (Vw<sub>i</sub>: [(Vs<sub>i</sub>: see (Vs<sub>i</sub>)) (Aff<sub>i</sub>: indprespf3sg (Aff<sub>i</sub>))] (...)) (Vw<sub>i</sub>)) (Vp<sub>i</sub>)) (Cl<sub>i</sub>)) (Le<sub>i</sub>))

O mesmo ocorrerá com o pronome *it* quando for anafórico, como no exemplo apresentado na seção anterior. O que nos leva à constatação de que a realização do sujeito na terceira pessoa do singular no tempo presente em IB, por meio do pronome e do afixo verbal, configura uma relação de um-para-dois no Nível Morfossintático, o que nos dá uma relação opaca para essa realização.

Finalmente teremos o pronome expletivo:

(06) It is still February (British National Corpus)

O pronome *it*, nesse caso, não retoma nenhum outro item do discurso, não configurando anáfora. Na realidade, trata-se apenas da função gramatical de sujeito que

se faz relevante à organização morfossintática da língua inglesa, mesmo não expressando qualquer significado. Trata-se de um elemento expletivo, ou um *dummy*. Isso significa que não possui representação semântica ou interpessoal, pois não há qualquer argumento que possa ocupar a lacuna antes do verbo que precisa ser necessariamente preenchida, sendo considerado uma categoria unicamente morfossintática:

ML: (Le<sub>i</sub>: (Cl<sub>i</sub>: [Np<sub>i</sub>: (**Nw<sub>i</sub>: it (Nw<sub>i</sub>)) (Np<sub>i</sub>)<sub>Subj</sub> (Vp<sub>i</sub>: (Vw<sub>i</sub>: [(Vs<sub>i</sub>: be (Vs<sub>i</sub>)) (**Aff<sub>i</sub>: indprespf3sg (Aff<sub>i</sub>))] (... (Vw<sub>i</sub>)) (Vp<sub>i</sub>)) (Cl<sub>i</sub>)) (Le<sub>i</sub>))****

A ocorrência de elementos expletivos é um dos fenômenos elencados por Hengeveld (2008) como fatores que contribuem para um maior grau de opacidade nas línguas, uma vez que apresentam uma realização de zero-para-um, já que não possuem unidades representativas no Nível Interpessoal e Representacional, configurando, portanto, uma relação opaca na realização do sujeito pronominal.

### Considerações parciais

Pudemos observar até aqui algumas diferenças significativas na realização do sujeito pronominal no PB e no IB:

- a. Em PB padrão o sujeito realiza-se no pronome e no afixo verbal ou apenas no afixo verbal. No primeiro caso ocorre uma relação opaca, no segundo uma relação transparente.
- b. Em PB, em sua variedade vernácula, o sujeito pode realizar-se mais livremente sem o afixo verbal, apresentando a mesma forma verbal para a segunda e terceira pessoa do singular e para todas as pessoas do plural, o que configura uma relação transparente.
- c. Em IB, o sujeito pronominal realiza-se, na maioria dos casos, apenas no pronome, sem qualquer afixação verbal que marque pessoa, o que se assemelha muito à tendência do PB vernáculo de apresentar a mesma forma para a maioria das pessoas do discurso, o que também configura uma relação transparente.
- d. Em IB, apenas para a terceira pessoa do singular no tempo presente haverá marcação da pessoa também no afixo verbal. Para esses casos, a realização pronominal será opaca, apresentando representação um-para-dois.
- e. O sujeito pronominal **it** se comporta de duas maneiras: como referente anafórico e como elemento expletivo. Como referente anafórico, apresenta a mesma representação apresentada em “d”, como elemento expletivo, não apresenta representação pragmática ou semântica, configurando uma relação também opaca, mas de zero-para-um.

Durante o processo de aquisição do IB como segunda língua por falantes de PB, sabemos que é comum que estes não realizem a terceira pessoa do singular no afixo verbal, fazendo-o apenas por meio do pronome pessoal:

(07) He drink a lot of water

Essa situação é bastante comum nos primeiros estágios da aprendizagem e ainda que menos frequente é também comum ocorrer em estágios mais avançados. Apesar de reconhecermos que se trata de uma flexão mais complexa que o que ocorre, ou não ocorre, com as demais pessoas do discurso, não é possível deixar de observar o fato de que a afixação verbal de terceira pessoa é um fenômeno opaco. Outro fator relevante é que se trata de um fenômeno de um-para-dois inserido em um contexto no qual as demais realizações

são um-para-um, pois conforme apresentado anteriormente, a relação das demais pessoas do discurso na realização pronominal no tempo presente são transparentes, enquanto que no tempo passado até mesmo a terceira pessoa apresenta uma relação transparente na realização do sujeito.

Outra situação bastante comum é que os aprendizes omitam o sujeito em situações em que isso não ocorre na língua alvo:

(08) \*Is still February

Conforme mencionado anteriormente, o IB é uma língua que apresenta a posição de sujeito preenchida, mesmo que por um elemento que não apresente qualquer significação. Essa realização marca um grau de opacidade que os falantes de PB não estão acostumados a produzir. No PB, sentenças equivalentes ocorreriam sem a realização do sujeito, o que demonstra que, além de lidarem com uma representativa diferença da língua alvo para a língua materna, os aprendizes ainda precisam lidar com a realização morfossintática de uma unidade que não traz qualquer motivação pragmática ou semântica, e frequentemente indagam: “o que significa o it nesta frase?” ou “por que preciso usar o it?”. É inegável que esse traço opaco do IB traz complicações para a aprendizagem dessa língua por falantes de PB, e não apenas por ser diferente da língua materna, mas principalmente por não apresentar na esfera semântica qualquer unidade que leve o aprendiz a atribuir um significado ou uma justificativa pragmática para utilizá-lo.

Acreditamos que as considerações apresentadas até o momento confirmam a necessidade de um estudo mais detalhado a respeito da transparência e opacidade envolvendo a língua alvo e a língua materna. Muitas das dificuldades apresentadas por aprendizes de L2 seriam mais facilmente compreendidas se as relações de transparência fossem consideradas pelo professor de L2, especialmente no que se refere à presença de elementos expletivos tanto na língua alvo quanto na língua materna.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, C. S. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 1-31.

CAMACHO, R. G. *Classes de Palavras na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional: o papel da nominalização no continuum categorial*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. Transparência e opacidade na seleção de estratégias de relativização no Português. *Linguística*, v. 27, p. 47-76, 2012.

CHOMSKY, N. *Essays on Form and Interpretation*. New York: North Holland, 1977.

COUTO, H. H.; MELLO, M. A. C. R. Os compostos no crioulo português da Guiné-Bissau. *PAPIA*, v. 19, p. 69-79, 2009.

DERWING, B. L.; BAKER, W. Assessing Morphological Development. In: FLETCHER, P.; GARMAN, M. (Ed.). *Language acquisition*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 326-328.

DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Part 1: The Structure of the Clause. 2nd ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. *Português Brasileiro*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 107-128.
- \_\_\_\_\_. *A perda do princípio “Evite pronome” no Português Brasileiro*. 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- DURÃO, A. B. B.; CANATO, A. P. M. B. A influência do português como língua materna no processo de aprendizagem de inglês como língua estrangeira: a questão do sujeito gramatical. *Revista Investigações*, v. 18, n. 2, jul. 2005. Disponível em: <[http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.18.N.2\\_2005\\_ARTIGOSWEB/AdjaBarbiereDura0-AnaPaulaCanato\\_A\\_INFLUENCIA-DO-PORTUGUES\\_Vol18-N2\\_Art09.pdf](http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.18.N.2_2005_ARTIGOSWEB/AdjaBarbiereDura0-AnaPaulaCanato_A_INFLUENCIA-DO-PORTUGUES_Vol18-N2_Art09.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2014.
- FONTES, M. G. *As Interrogativas de Conteúdo na história do português brasileiro: uma abordagem discursivo-funcional*. 2012. 185f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2012.
- GONÇALVES, J. C. Alguns aspectos do processo de aquisição do sistema pronominal do inglês como segunda língua por um falante de português. 1977. 331f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1977.
- HENGEVELD, Kees. Introduction: Transparency in Functional Discourse Grammar. *Linguistics in Amsterdam*, v. 4 n. 2, p. 1-22, 2011a.
- \_\_\_\_\_. Epilogue: degrees of transparency. *Linguistics in Amsterdam*, v. 4, n. 2, p. 110-114, 2011b.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- KUSTERS, W. *Linguistic complexity: the influence of social change on verbal inflection*. Utrecht: LOT, 2003.
- LANGACKER, R. W. Syntactic reanalysis. In: LI, C. N. (Ed.). *Mechanisms of syntactic change*. Austin: University of Texas Press, 1977. p. 57-139.
- LEUFKENS, S. The transparency of creoles. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v 28, n. 2, p. 323-362, 2013.
- MCWHORTER, J. The world’s simplest grammars are creole grammars. *Linguistic Typology*, n. 5, p. 125-166, 2001.
- MIESTAMO, M. *Implicational Hierarchies and Grammatical Complexity*. Helsinki: Collegium for Advanced Studies, 2005.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2007.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1960.
- SEUREN, P.; WEKKER, H. Semantic transparency as a factor in creole genesis. In: MUYSKEN, P. (Ed.). *Substrata versus universals in creole genesis*. Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 57-70.
- SILVA, V. L. P. Variação no uso de pronomes de segunda pessoa do singular. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 122-138, 2003.

SLOBIN. Language change in childhood and history. In: MACNAMARA, J. (Ed.). *Language learning and language thought*. New York: Academic Press, 1977. p. 185-214.

VALE, O. A. Expressões cristalizadas: transparência e opacidade. *Signótica*, v. 11, n. 1, p.163-172, jan./dez. 1999.

VELOSO, J. A língua na escrita e a escrita da língua. Algumas considerações gerais sobre transparência e opacidade fonêmicas na escrita do português e outras questões. *Da Investigação às Práticas. Estudos de Natureza Educacional*, v. 6, n. 1, p. 49-69, 2005.